

HOLTZ, Vera. **Ficções**. Diretor: Rodrigo Portella. Teatro Facisa: Campina Grande, 2024.

A FICÇÃO É NOSSA REALIDADE

Gabriel Nicolau de Souza
Universidade Federal de Campina Grande
gabrielnicolauestudante@gmail.com

Imagine se lhe dissessem que tudo o que existe não passa de uma invenção: dinheiro, poder, leis, religião, sistemas políticos e até mesmo... Deus. E se todas as suas crenças e convicções pessoais fossem apenas meras superstições, criadas para tornar nossa existência mais "confortável"? Esses são alguns dos muitos desequilíbrios que o monólogo encenado pela gigantesca Vera Holtz sugere ao público. Mas não se precipite: a peça “Ficções” não tem como objetivo levantar questões existencialistas sobre o porquê da vida. Na verdade, o que temos aqui é uma discussão sobre como todas as crenças às quais nos apegamos com tanto fervor são, de fato, formas de negar a história da humanidade, que remonta a 70 mil anos de evolução.

Estrelado por Vera Holtz e escrito e dirigido por Rodrigo Portella, o monólogo “Ficções” é uma adaptação teatral do best-seller “Sapiens - Uma Breve História da Humanidade”, do filósofo israelense Yuval Noah Harari. O livro, com mais de 23 milhões de cópias vendidas ao redor do mundo, trata da capacidade humana de criar ficções e imaginar coletivamente, de modo a construir uma vida melhor para o coletivo.

É a partir desse enredo que a peça ganha sua força motriz, explorando o conceito de ficção através de um panorama histórico distribuído em 14 cenas sobrepostas. Somos guiados por esse panorama mediante diferentes imagens corporificadas por Holtz, que assume papéis que vão de primata a imperador da Babilônia, passando por um asno, um fóssil em busca de identidade, ela mesma, e uma mulher que abandona tudo para se tornar nômade. Holtz ainda incorpora a esposa de Harari, um professor de história que compartilha o mesmo nome do autor do livro que inspirou a peça.

É interessante notar como as referências ao livro *Sapiens* e ao seu autor são feitas de maneira explícita. Harari, em seu livro, propõe-se a traçar o percurso humano na Terra de forma acessível para o público leigo, explicando como o Homo sapiens se tornou a espécie dominante no planeta. Logo no início, a peça ironiza essa constatação por meio de uma observação etimológica: se, em latim, "homo" significa homem e "sapiens", sábio... onde está esse homem sábio? Essa cena de teor cômico conduz o público a outros momentos catárticos, como quando a esposa do professor Harari atende a um telefonema no qual ele compartilha suas preocupações com a humanidade. Em outra ligação, desta vez com um tom mais tenso, ela se preocupa ao ouvi-lo dizer, com um revólver nas mãos, que está angustiado. A esposa tenta acalmá-lo e recomenda que

ele deixe de ler o livro de seu homônimo, pois "claramente não está lhe fazendo bem". Mais adiante, ela liga para dizer que deseja ter um filho, ciente dos "riscos" envolvidos, como a possibilidade de ele se tornar "um homem-bomba". Ela também menciona que ter um filho "custa caro", especialmente considerando que ele é professor e ela, atriz de teatro.

Em momentos como esses, torna-se evidente o poder transversal do texto de Portella. A obra não pretende se restringir a críticas sociais ou fazer um retrato satírico tragicômico da humanidade. Esses elementos até estão presentes, mas de forma sutil, a ponto de só os mais atentos captarem certas nuances. O que se privilegia aqui é a criação de um microcosmo carregado de implicações feitas para atingir o espectador. Por conta dessas implicações, o texto se torna afiado e ousa questionar até mesmo a existência de Deus, tratada como uma das muitas invenções humanas criadas para manipulação. O próprio homem fez de si um deus. E, após falas como essa, Holtz comenta ironicamente: "É por isso que há pessoas que dizem para não frequentar o teatro".

O palco é utilizado como um espaço de libertinagem, e por que associar a libertinagem a algo pejorativo? Muito pelo contrário. O teatro, como prática artística, deve ser provocador e livre, como o próprio texto se propõe a ser. E, além do texto, nada seria possível, é claro, sem o excelente trabalho de Vera Holtz. E quão prazeroso é vê-la tão à vontade! Encontramos Vera cantando, imitando macacos na selva, interagindo com a plateia, usando um berrante e bananas como telefone, além de exibir seios de plástico para atrair aplausos e atenção. Ela recorre a todo tipo de linguagem – um ponto destacado durante o monólogo como o grande diferencial da espécie humana – para um show de brilhantismo.

Falando em linguagem, outro fator que contribui para a imersão é a música, que se constitui como uma personagem por si só, com muito a comunicar. O único a contracenar com Holtz no palco é Frederico Puppi, músico italiano radicado no Brasil. Acompanhado por seu violoncelo, ele é responsável pela belíssima trilha sonora, que cria uma atmosfera ambientalista e, por vezes, onírica. A articulação entre fala e música, a troca entre os dois artistas, ora imprime o tom e o ritmo para Holtz, ora a cena guia a criação musical de Puppi. Há momentos em que cantam juntos, como no memorável duelo em que cada um usa seus melhores instrumentos – ela, a voz, e ele, o cello – para compor uma canção de onomatopeias.

A comunicação entre os dois traz um tom de inventividade – ou realidade? – que alimenta a discussão sobre o que é real e o que é ficção. Mas o que seria a ficção, senão a nossa realidade? Ficção não é uma mentira. Isso justifica a presença de Holtz no palco, construindo a verdade sobre quem é, o que sabe sobre o mundo e sobre sua espécie. Porque, embora hoje tenhamos mais conhecimento em relação aos nossos antepassados, não somos mais felizes. Quem acha que ganha mais do que merece? Quem está satisfeito com o próprio corpo? Quem nunca se sentiu traído? Esses são questionamentos lançados ao público, com o intuito de fazer com que percebam que, além de toda a inventividade humana, o sofrimento é real. Mas, pelo menos, neste

microcosmo construído em 80 minutos de espetáculo, ninguém está sozinho com suas dores.

Não é à toa que *Ficções*, em cartaz há dois anos, já coleciona 31 indicações a prêmios e 5 estatuetas, incluindo a de melhor atriz no Prêmio Shell e APTR. É uma obra repleta de implicações, que leva o público a aguçar sua percepção e questionar suas próprias convicções. Não é fácil lidar com o desconforto e sair da zona de conforto, mas ser confrontado por essas sensações apenas ressalta nossa sensibilidade e o poder que a arte tem de agir sobre nós.